

GRADUAÇÃO EM ARQUIVOLOGIA: A IMPORTÂNCIA DA INICIAÇÃO CIENTÍFICA NA FORMAÇÃO DE ALUNOS NA PARAÍBA

Maria Meriane Vieira da Rocha (Universidade Federal da Paraíba),
Maria Eduarda dos Santos Silva (Universidade Federal da Paraíba),
Paulo Henrique Felinto dos Santos (Universidade Federal da Paraíba)

1 INTRODUÇÃO

A graduação oferece aos discentes muitas possibilidades de crescimento acadêmico, uma delas é a Iniciação Científica (IC), que se destaca como uma das oportunidades para o aprendizado. De acordo com Bridi (2010), a presença da pesquisa científica na graduação se constitui como aspecto relevante para os dias atuais, capaz de promover a interdisciplinaridade, a autonomia acadêmica e científica, e a ligação entre ensino e pesquisa.

Para Fava (2000, p. 75), a IC tem uma história com mais vantagens do que imprecisões para o discente. Segundo o autor, a atividade atua “desenvolvendo capacidades mais diferenciadas nas expressões oral e escrita e nas habilidades manuais”. É visível o despertar do pensamento científico e o incentivo à prática da pesquisa na atividade profissional a qual o aluno esteja vinculado.

Partindo desse pressuposto, a justificativa deste trabalho parte da importância da presença da IC, pela forma que esta auxilia o discente em seu desenvolvimento acadêmico e/ou profissional, tais como: preenchimento das

lacunas de pesquisas, ao que tange escrita científica, participação em eventos científicos, entre outros.

Destarte, o objetivo deste trabalho é ressaltar a relevância da IC para os alunos dos cursos de graduação em Arquivologia da UFPB e UEPB, e apresentar os índices da integração do programa desde o surgimento desses cursos. Para isso, mapeou-se os projetos de pesquisa que foram e vêm sendo produzidos pelos docentes dos cursos de Arquivologia nas referidas instituições desde a criação de ambos.

Este estudo pretende trazer contribuições de alerta para que mais pesquisas de IC sobre a área de Arquivologia sejam despertadas nesses territórios cognitivos para práticas coletivas, interativas e interdisciplinares.

2 A INICIAÇÃO CIENTÍFICA NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: ASPECTOS HISTÓRICOS PARA INSTITUCIONALIZAÇÃO

De acordo com Barreto (2021), a atuação dos alunos de graduação nas pesquisas já é quase centenária, visto que esteja ancorado ao surgimento das Instituições de Ensino Superior (IES) do país, na década de 30. No Brasil, as universidades basearam-se em aspectos de países como Estados Unidos e França (BAZIN, 1983), os quais já tinham atividade científica institucionalizada. Desse modo, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), surgem em meados da década de 50, como mediadores em fomentar as ações e incentivos à pesquisa brasileira.

Nesse contexto, Siqueira (2014, p. 52), menciona que o os programas ofertados pelo CNPq:

[...] propiciam uma base pedagógica e científica na medida em que se articulam vários institutos de pesquisa e universidades – que capacitam milhares de pesquisadores – , corroborando para a formação de recursos humanos para a pesquisa no Brasil.

A vista disso, enquanto o CNPQ prevalece até atualmente como órgão patrocinador da ciência nacional (MASSI e QUEIROZ, 2015), surgem também as Fundações de Amparo à Pesquisa (FAP's). Essas Fundações estão ligadas à Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação do Governo de cada Estado, mas também recebem incentivos do Governo Federal e o objetivo é colaborar na elaboração e execução de projetos universitários e no desenvolvimento institucional, científico e tecnológico no âmbito estadual.

Destarte, na Paraíba destacou-se a Fundação de Apoio à Pesquisa (Fapesq), que atua com o investimento e o fomento à pesquisa no cenário estadual. Além de outros órgãos que contribuem nos primeiros passos para a institucionalização do Programa de Iniciação Científica nas Instituições de Ensino Superior (IES) paraibanas, como: Financiadora de Estudos e projetos (FINEP), a Pró Reitoria de Pesquisa (PROPESQ), entre outras.

Assim, percebe-se, portanto, a relevância da atuação de órgãos de incentivo à pesquisa científica, sobretudo no Brasil. Uma vez que, é com esse estímulo oferecido que se obtém novos avanços e novas tecnologias para sociedade em um contexto geral.

3 CONTRIBUIÇÕES DA INICIAÇÃO CIENTÍFICA NA FORMAÇÃO DO ESTUDANTE

Os projetos de IC são amplamente considerados como pontapé inicial na carreira dos cientistas pesquisadores, pois garantem ferramentas necessárias para os alunos iniciantes, transformando-os em alunos autônomos no modo de agir e pensar. Segundo Fava (2000), os alunos de curso superior que participam da IC, usufruirão de melhor capacidade de análise crítica, maturidade intelectual e de maior discernimento para enfrentar as dificuldades em seu caminho. Competências estas que se fazem úteis, não exclusivamente para a formação de pesquisadores, mas incluindo também os que pretendem seguir o exercício da profissão, seja na docência como no mercado de trabalho. Nesse contexto, Fava (2000, p. 75) destaca que,

[...] todos os estudantes que fizeram iniciação científica têm melhor desempenho nas seleções para a pós-graduação, terminam mais rápido a titulação, possuem um treinamento mais coletivo e com espírito de equipe e detêm maior facilidade de falar em público e de se adaptar às atividades didáticas futuras.

Diante disso, pesquisadores como BRIDI e PEREIRA (2004) também demonstraram os benefícios acadêmicos, profissionais e pessoais que a IC traz consigo na formação do graduando. Nesse sentido, entende-se que este é o momento onde os alunos abrem seus horizontes não somente para a pesquisa, mas também para a função formativa, que agrega valor ao conhecimento contínuo dos participantes.

O aluno de graduação que, muitas vezes habituado ao senso comum, ao imergir no processo científico, tem como aporte a ampliação de seus conhecimentos na área, e o desenvolver dos primeiros contatos com pesquisadores, conseqüentemente repercute no aumento do desempenho geral do aluno no curso. Isso é mostrado quando os discentes, em parceria com seus

orientadores, enfrentam obstáculos no decorrer de suas pesquisas, e este trajeto possibilita o surgimento de novas habilidades, novas maneiras de se ver o problema de forma crítica e criativa.

Para Medeiros (2005), os alunos da graduação são capazes de desenvolver habilidades de comunicação, melhores hábitos de estudo, habilidades na realização de pesquisas e a capacidade de trabalhar em grupo.

Dessa forma a IC fornece, de acordo com Caberlon (2003, apud MASSI e QUEIROZ, 2010, p.180,), um “melhor aproveitamento no curso de graduação, que passa a ser mais valorizado” ou “melhor aproveitamento das disciplinas de graduação, ampliando o âmbito das análises e conteúdos de ensino”.

Outro ponto é que a literatura destaca a capacidade da IC de despertar nos alunos o interesse no universo da pesquisa científica, o que já consiste em um dos objetivos do programa. Para BRIDI e PEREIRA (2004), o número de alunos que iniciam no programa de IC visando seguir para o mestrado é menor do que o número de alunos que saem da IC com este objetivo.

Nessa perspectiva, Massi e Queiroz (2010, p. 42) completam que, a prática da IC é “um processo no qual é fornecido o conjunto de conhecimentos indispensáveis para o jovem nos ritos, técnicas e tradições da ciência”. Portanto, pode-se destacar que de modo geral prepara o aluno para saber buscar informação, utilizá-la, construir conteúdo através de pesquisas e muitas leituras e disseminá-las para além dos muros da academia.

4 OS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ARQUIVOLOGIA DA UFPB E UEPB: DA CRIAÇÃO DOS CURSOS AO SURGIMENTO DOS PROGRAMAS DE CI

Criado em 2006, o curso de Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) foi o primeiro da Paraíba, e segundo curso da área no Nordeste. Desde a sua fundação tem se fortalecido tanto com relação à estrutura física, quanto no que diz respeito à qualificação do seu corpo docente.

Numa perspectiva de crescimento e expansão da política de Educação do Governo Estadual, definida no Plano Educacional, a UEPB criou o Curso de Bacharelado em Arquivologia em 29 de março de 2006 pela resolução UEPB/CONSUNI/010/2006.

No processo histórico, como narrado pela bibliografia do curso, verificou-se que o curso nasceu da necessidade de manter um vínculo mais estreito com a sociedade, mediante a oferta de vagas públicas e gratuitas num momento decisivo em que o Governo do Estado da Paraíba apostava como meta prioritária na Educação.

Após dois anos, em 2008, foi criado o curso de graduação em Arquivologia da UFPB, tendo como sede o Campus I localizado em João Pessoa, e vinculado ao Departamento de Ciências da Informação (DCI) no Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA). O curso funciona no período noturno e tem duração mínima de dez períodos letivos, integralizados em cinco (05) anos.

4.1 Do Conceito e dos Objetivos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) na UFPB e UEPB

Dentre os objetivos do PIBIC e do Programa Institucional de Iniciação Voluntária (PIVIC), podemos destacar: a) Promover a participação do discente na produção do conhecimento e sua convivência cotidiana com o procedimento científico em suas técnicas, organização e métodos; b) Despertar vocação científica e incentivar novos talentos entre estudantes de graduação; c) Estimular no aluno de graduação o pensar científico, crítico e criativo.

O quadro a seguir destaca as modalidades do Programa oferecido pelas duas instituições:

Quadro 1 - Programas de iniciação científica disponíveis pela UFPB e UEPB

PROGRAMAS DISPONÍVEIS PARA A REALIZAÇÃO DA IC	
PIBIC	Modalidade geral visando à Iniciação Científica nas diversas áreas do conhecimento.
PIBIC/Af	O Programa Institucional de Bolsas da Iniciação Científica nas Ações Afirmativas é voltado somente às intuições de caráter público e aos alunos que ingressaram no ensino superior por ação afirmativa.
PIBITI	O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação Científica atua nas instituições públicas e privadas, contudo atende somente as áreas do conhecimento tecnológico e inovação.
PIVIC	Modalidade destinada a discentes voluntários, visando à Iniciação Científica nas diversas áreas do conhecimento e tecnológica.
PIBIC-EM	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - Ensino Médio .

Fonte: Elaborado pelos autores (2022), a partir de CNPq (2020)

O programa geralmente tem vigência de 12 meses. Dentre os compromissos dos discentes bolsistas e voluntários, ressalta-se a obrigação de submissão do relatório parcial e final, e a apresentação dos trabalhos em eventos geralmente institucionais.

5 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Visando mapear os projetos de IC que vêm sendo produzidos na UFPB e UEPB, optou-se que a coleta de dados na primeira instituição fosse feita através do Sistema de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA), e na segunda, feito através de dados fornecidos pela coordenação do curso.

Os principais eixos temáticos estudados foram sobre iniciação científica e educação. No segundo momento, foi destinado a coleta de dados no que diz respeito a filtragem dos projetos de iniciação científica nos dois cursos de graduação em Arquivologia para caracterizar o ambiente de estudo.

Posteriormente, destinamos a terceira etapa através de métodos quantitativos para triagem e tabulação dos dados coletados, a qual gerou gráficos e tabelas, permitindo um detalhamento claro das informações extraídas. Dessa maneira, nesta fase direcionou-se na construção das análises finais de todos os dados obtidos, transformando-os em resultados e discussões, sendo uma etapa primordial do trabalho.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Na etapa de coleta de dados foram recuperados um total de 193 projetos de IC, sendo 147 realizados pelo Departamento de Ciência da Informação (DCI) da UFPB e 46 pela Coordenação do curso de Arquivologia da UEPB. Para essa coleta levou-se em consideração o ano de criação de cada cursos, ou seja, UEPB (2006) e UFPB (2008), conforme Quadro 2 a seguir:

Quadro 2 - Quantitativo de projetos de iniciação científica na UFPB e UEPB

Instituição	Total de Projetos	Voltados para Arquivologia
Projetos desenvolvidos no DCI - UFPB	147	10 (6,8%)
Projetos desenvolvidos no Curso de Arquivologia - UEPB	46	26 (56,5%)

Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

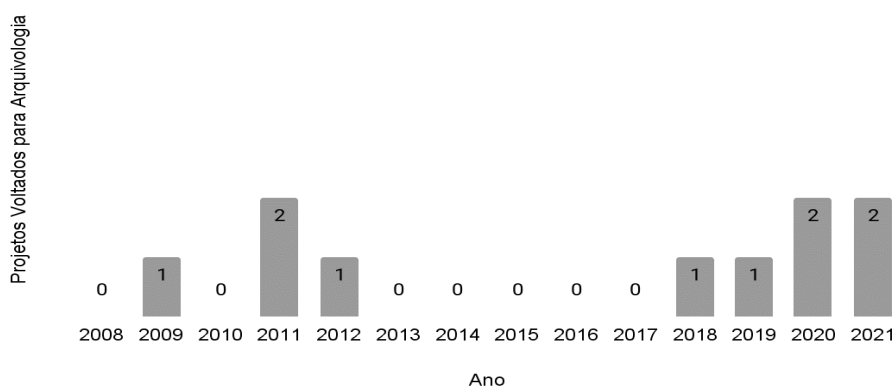
Nesse sentido, pode-se verificar no Quadro 2, que dos 147 Projetos totais da UFPB, apenas 10 (dez - 6,8%), são exclusivamente voltados para a área de Arquivologia, o que configura ainda o quão é necessário desenvolver

mais projetos quando comparado com a quantidade total de projetos que foram desenvolvidos neste departamento.

No caso da UEPB, o número de projetos de pesquisa é menor, são 46, e a quantidade projetos específicos em Arquivologia maior, são 26, isso pode ser justificado porque no DCI existe o curso de Biblioteconomia também há bastante tempo, desde 1969 e certamente a maioria dos projetos seguem essa área.

Em relação ao desenvolvimento anual de projetos voltados para temáticas Arquivísticas, pode-se perceber a partir do gráfico 1, que na UFPB, a produção de projetos de iniciação científica ainda é bem pequena, sendo os anos que tiveram uma maior quantidade de projetos, 2011, 2020 e 2021, ou seja, o número de desenvolvimento de projetos de IC está o mesmo que há dez anos, isso demonstra que no curso de Arquivologia da UFPB, não houve crescimento na realização de projetos de IC. Além disso, houve uma estagnação entre os anos de 2013 a 2017, onde não há o desenvolvimento de nenhum projeto de IC voltado para a Arquivologia, conforme Gráfico a seguir.

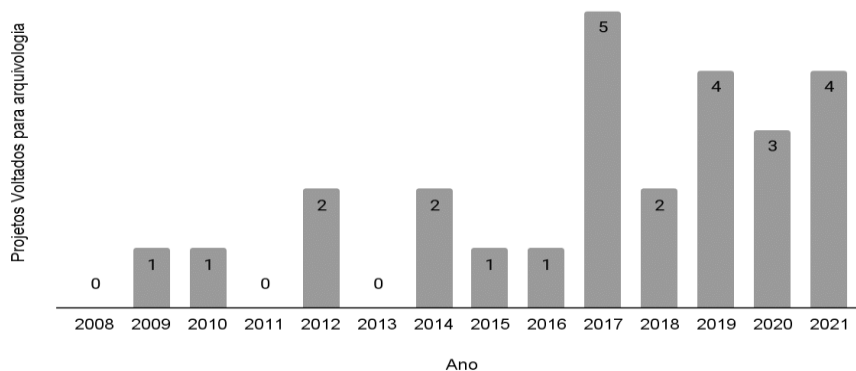
Gráfico 1 - Projetos voltados para arquivologia no



Departamento de Ciência da Informação - UFPB

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

No que tange a UEPB, analisando o Gráfico 2, nota-se altos e baixos no desenvolvimento dos projetos de IC ao longo dos anos, porém, percebe-se que há crescimento nos anos mais recentes e atingindo o quantitativo mais alto em 2017. Nos anos de 2008 e 2013 não houve realização de projetos voltados para Arquivologia, conforme Gráfico a seguir:

Gráfico 2 - Projetos voltados para a Arquivologia - UEPB

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Ainda sobre no Gráfico 2, mesmo percebendo que há um aumento no número de projetos, este aumento não é expressivo, se observados os últimos 5 anos, pois os números se mantiveram em uma média estável, ou seja, sem muita variação, não indicando crescimento ou queda.

É importante notar que, parte dos alunos dos cursos de Arquivologia, que tem interesse em participar das atividades de IC, devido a escassez de projetos voltados para a área, acabam por participar em projetos de outras áreas relacionadas, como por exemplo Ciência da Informação, que comporta a maior quantidade de projetos, seguidos de Biblioteconomia, História e Sociologia.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conscientes da importância de projetos de IC para os cursos de Arquivologia, essa pesquisa chama a atenção para que na perspectiva de trazer os discentes como protagonistas desse cenário, desenvolvam mais projetos para (re)significar a área a fim de favorecer mais pesquisas e pesquisadores.

Dessa forma, pautados no sucesso e crescimento da área na realidade contemporânea, pretende-se expandir e disseminar os conhecimentos e práticas, passando a democratizar os projetos nos mais variados dispositivos informacionais.

O sucesso dos projetos de IC precisa demarcar uma tomada de decisões, consciência e tomada de decisões de docentes, discentes em especial, mas também de pesquisadores e pesquisadores em formação, em prol da coletividade e da vontade de participar de projetos dessa natureza

Destarte, ainda que verificado que as pesquisas em IC dos cursos de graduação em Arquivologia no Estado da Paraíba, sejam ainda incipientes, cabe

a cada ator social envolvido promover ações e discussões que possam alavancar mais trabalhos e assim colocar a Arquivologia em evidência no cenário também das pesquisas de IC.

REFERÊNCIAS

BARRETO, C. M.; QUARESMA, J. P.; TUNIN, J. **A experiência da pesquisa para a iniciação científica**. *Informação & Informação*, v. 26, n. 1, p. 703-719, 2021. DOI: 10.5433/1981-8920.2021v26n1p703. Acesso em: 27 jan. 2022.

BAZIN, Maurice Jacques. O que é a iniciação científica. **Revista de Ensino de Física**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 81-88, jun. 1983.

BRIDI, J. C. A. Atividade de Pesquisa: contribuições da Iniciação Científica na formação geral do estudante universitário - Doi:

10.5212/OlharProfr.v.13i2.0010. **Olhar de Professor**, v. 13, n. 2, p. 349-360, 23 dez. 2011.

MASSI, Luciana.; QUEIROZ, S. L. **Iniciação científica**: aspectos históricos, organizacionais e formativos da atividade no ensino superior brasileiro. São Paulo: Ed. da Unesp digital, 2015. Disponível em:

<http://books.scielo.org/id/s3ny4>. Acesso em: 26 jan. 2022.

MASSI, Luciana.; QUEIROZ, S. L. **Estudos sobre iniciação científica no Brasil**: uma revisão. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 40, n. 139, p. 173-197, 2013. Disponível em:

<http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/192>. Acesso em: 3 fev. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio da pesquisa social na obra Pesquisa social**: Teoria, método e criatividade. Editora Vozes, 2007.